

A música na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre intergeracionalidade na escola de educação básica

GTE 24 – Sociologia da Educação Musical

Comunicação

*Jennifer Gonzaga
Museduc/UFU
jennigonzaga@gmail.com*

*Lília Neves Gonçalves
Universidade Federal de Uberlândia
lilia_neves_2006@hotmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta uma investigação que buscou compreender como as vivências musicais que alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) carregam para o ambiente escolar são perpassadas pelo aspecto geracional. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada em uma escola que oferece a modalidade EJA e teve como procedimentos de coleta de dados a observação e o grupo focal. A base teórica incide sobre a ideia da música e da educação musical como prática social (SOUZA, 2004; 2014), e da de geração como uma categoria social (MANHEIMM, s./d; RIBAS, 2006; DEBERT, 1998). Concluiu-se que, a construção do repertório musical é um dos principais aspectos que permeia a convivência das diferentes gerações. Apesar poder se afirmar que não existe uma música vivida ou característica de uma geração, ou que música não tem idade, muitos alunos jovens acreditam que há gêneros musicais lançados há mais tempo que são “músicas de velhos”. No entanto, para alunos adultos a música em si não envelhece e sim o intérprete é quem passa pelo processo de envelhecimento, e uma música pode ultrapassar o tempo e as gerações.

Palavras-chave: Educação Musical. Educação de Jovens e Adultos. Intergeracionalidade.

1 Introdução

Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educacional que está ligada ao movimento de inclusão escolar e diz respeito, mais especificamente, a jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos na idade considerada “adequada”¹ para a escolarização. Segundo a Resolução do CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010 (BRASIL, 2010), não há idade máxima para o ingresso na EJA, mas a idade mínima é de 15 anos para o ensino fundamental e de 18 anos para o ensino médio.

¹ A legislação brasileira considera que a idade adequada para que crianças e jovens frequentem a educação básica é entre 6 e 17 anos.

Tal movimento de inclusão desses indivíduos tem como ponto de partida a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem se dá ao longo da vida. Segundo o 4º Relatório Global de Aprendizagem e Educação de Adultos (2020), que foi publicado em dezembro de 2020 pelo Instituto de “Aprendizagem ao Longo da Vida” da UNESCO a partir de dados de 159 países, deve-se “garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (UNESCO, 2020, p. 12).

Esse documento deixa claro que a educação de adultos deve buscar e garantir a justiça e equidade social. Afirmar ainda que as mudanças sociais e estruturais das sociedades da vida moderna e do trabalho requerem uma população atenta e adaptável, portanto deve-se promover e oportunizar ensinamentos para que os jovens e adultos possam lidar com as mudanças que ocorrem por toda a vida (UNESCO, 2020, p. 13). Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) deixam claro “que as mudanças econômicas, tecnológicas e socioculturais em curso neste final de milênio impõem a aquisição e atualização constante de conhecimentos pelos indivíduos de todas as idades” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 70). Portanto, a EJA não tem como propósito somente incluir e compensar os anos perdidos de escolarização, mas também possibilitar a formação dos sujeitos por toda a vida.

Como uma modalidade de educação escolar, a EJA é um espaço em que fervilham questões relacionadas com as diferenças, carregando consigo inúmeras heterogeneidades, sendo que a de identidade, por exemplo, dos alunos da EJA “é histórica, social e politicamente construída, resultante de seus pertencimentos, nesse grande caldeirão brasileiro de diversidades étnico-culturais” (FREITAS, s./d., p. 6). As diferenças de gênero, classe social, religiosidade, dentre outras, são diferenças sociais presentes no espaço da EJA mas que, neste trabalho, o foco está nas diversidades geracionais, mais especificamente a intergeracionalidade, já que “estudantes de distintas idades frequentando a mesma sala de aula é uma regra e não exceção na cultura da EJA” (RIBAS, 2006, p. 17).

É nesse contexto que este trabalho tem como objetivo geral entender como as relações que alunos da EJA estabelecem com a música são perpassadas pela categoria geracional e como essas relações estão associadas às experiências musicais desses alunos.

Como um lugar de convívio, de uma maneira geral, a EJA está imersa nas relações geracionais estabelecidas entre os alunos, professores, comunidade escolar e a música permeia essas relações. É nesse espaço educativo que Ribas (2006) afirma que

através de experiências musicais face a face entre os “jovens”, “velhos” e “adultos”, nas diferenças, similitudes (explícitas ou ocultas) desse convívio, uma relação de sociabilidade se constrói ao redor da música nesse cenário, formado por mundos musicais tão heterogêneos (RIBAS, 2006, p. 183).

Portanto, acredita-se que a EJA é um espaço educacional enriquecedor e atrativo para compreender, a partir das inúmeras vivências musicais dos alunos, como a questão geracional é permeada pela música, e como a relação com a música está presente nos processos de ensino-aprendizagem na escola, com indivíduos que vivenciam/ram a música em momentos históricos e culturalmente distintos.

2 Pressupostos teóricos

Este trabalho tem como fundamentos teóricos a perspectiva da música como prática social e a concepção de geração como uma categoria social e identitária.

Como uma prática social, a música faz parte da vida do ser humano, e Souza (2014, p. 14) expõe que ela é construída a partir das vivências das pessoas nos grupos sociais nos quais como seres sociais compartilham suas experiências com a música. Essa autora deixa claro que a música “é uma comunicação simbólica, sensorial e afetiva” (p. 8) e, sendo um fato social, a música abre espaço para o diálogo em processos interativos diversos.

As questões etária e de geração estabelecidas pelos alunos no espaço da EJA são categorias que perpassam as diversas vivências musicais trazidas pelos alunos para a escola e as relações estabelecidas entre eles e entre eles e a música. Essas vivências e essas relações são materiais valiosos para a discussão sobre música e geração dentro do espaço escolar no qual ocorrem inúmeras práticas sociais, possibilitando a criação de identidades socioculturais tendo a música uma contribuição importante nesse processo, pois é

no lugar, em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais e culturais, que estabelecem práticas sociais e elaboram suas representações, tecem sua identidade como sujeitos socioculturais nas diferentes condições de ser social, para a qual a música em muito contribui (SOUZA, 2004, p. 10).

Os alunos são seres sociais distintos, singulares e heterogêneos socioculturalmente (SOUZA, 2004, p. 10) e a geração, ao evidenciar diferenças sociais, entende-se que sua discussão está para além da idade ou relações familiares. Ela também tem como definição as mudanças coletivas de grupos sociais, possibilitando a criação de tradições e o estabelecimento de uma memória coletiva.

Para Mannheim (s/d), a geração compreende indivíduos que não só compartilham a mesma idade, mas estão ligados de certa maneira com algum aspecto geracional, pois as “gerações estão num estado de constante interação” (p. 150). Mannheim (s/d, p. 124) afirma ainda que “diferentes gerações vivem no mesmo tempo. Mas porque o tempo experimentado é o único tempo real, todas elas na verdade, vivem em eras subjectivas qualitativamente diferentes”. Geração na perspectiva desse autor não é algo natural, ou seja, que tem caráter biológico, é uma construção histórica, cultural e social da sociedade. Além do que os indivíduos se reconhecem em uma determinada geração se estiverem “nas correntes sociais e intelectuais características da sua sociedade e período” e se eles “têm uma comum experiência activa ou passiva das interações de forças que construiu a nova situação” (Idem, p. 153). Portanto, entende-se que “a noção de geração possibilita, então, constatar as marcas de diferentes épocas que convivem no presente” (PEREIRA FILHO, 2018, p. 264). Pereira Filho (2018) afirma que a

passagem de uma geração a outra, no que concerne à reprodução social, é um momento que combina mudanças e permanências. Se por um lado elementos de sociabilidade, de coerção, redes de solidariedade são eficazmente ensinados e mantidos pelas gerações mais velhas, por outro, eles são também modificados pelas novas gerações. Aquilo que se reproduz como organização social mantém o que havia antes mas acrescenta algo novo (PEREIRA FILHO, 2018, p. 264).

Nesse sentido, a ideia de geração e as categorias de idade, ao serem construídas historicamente, sofrem mudanças ao longo do tempo. Para Debert (1998), idade e geração se constituem de acordo com determinadas sociedades, pois cada uma determina os direitos e deveres das pessoas “[...] definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios” (DEBERT, 1998, p. 53).

Portanto, a idade não é algo que explica o comportamento humano, nem uma determinação da natureza. Também “não é só uma atribuição cronológica, mas também aqui determina as expectativas de relação de comportamento” (LORET, 1998, p. 21). A idade é “um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (BOURDIEU, 2003, p. 153). Essa concepção de geração está estritamente ligada às relações sociais que os indivíduos têm dentro de inúmeros espaços que este convive na sociedade.

3 Metodologia

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa e parte do fundamento de que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

Este estudo foi realizado em uma escola de educação básica, que atendia o ensino fundamental II, ensino médio, EJA e curso de magistério, na aula de arte/música em 6 turmas de ensino médio: 3 turmas (1º, 2º e 3º anos) do primeiro semestre de 2018 e 3 turmas (1º, 2º e 3º anos) do segundo semestre de 2018.

As idades dos alunos que frequentavam essas turmas de EJA variavam entre 18 e 53 anos, sendo que as turmas nas quais a pesquisa foi realizada contava com uma média de 13 alunos por turma. O perfil desses alunos era de donas de casa, desempregados, mas, em sua maioria, era de trabalhadores que tinham seus trabalhos de dia e frequentavam a EJA no turno da noite.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram a observação e o grupo focal.

O tipo de observação adotado foi o da observação livre que, segundo Ribas (2006), possibilita apreender o cotidiano dos alunos de diversas idades. As observações foram realizadas durante as aulas, nos recreios, nas filas. Esse procedimento de pesquisa permitiu a aproximação com os alunos, além de possibilitar conhecer o seu perfil, o que ouviam e compreender como se comportavam, se agrupavam nos vários momentos das atividades realizadas e lidavam com a diferença de geração e de idade.

O grupo focal foi outro procedimento de levantamento de dados. A técnica do grupo focal tem como peça fundamental o estímulo do moderador (pesquisador) que possibilita ao grupo uma interação entre os participantes. Então, pode-se dizer que o grupo focal é “[...] dirigido à geração e ao apoio de uma discussão de grupo” (CARDANO, 2017, p. 222).

Foram feitos três grupos focais, cada um foi realizado com cada uma das turmas do ensino médio (1º, 2º e 3º ano), totalizando nove momentos com os alunos. O primeiro grupo focal contou somente com recursos auditivos. As músicas foram selecionadas a partir do que fora observado nas aulas e recreios. As músicas escolhidas foram dos gêneros musicais sertanejo, sertanejo universitário, brega, MPB, funk e rap. O segundo grupo focal consistiu na

utilização apenas de recursos visuais, ou seja, figuras selecionadas da internet que pudessem instigar o debate sobre música, geração, gênero, entre outros aspectos. No terceiro e último grupo focal utilizou-se recursos auditivos e visuais, com repertório de músicas e vídeos de rock, funk, pop, rap e música de concerto, de anos distintos.

Esses grupos focais tiveram como objetivo conhecer vivências musicais que os alunos carregam para a escola, partindo de um repertório musical, recursos e gêneros musicais variados, de diferentes épocas e interpretados por artistas nacionais e internacionais.

4 Análise

Intergeracionalidade

Reafirmando o pensamento de Ribas (2006, p. 183) de que a EJA é um “campo fértil para o debate intergeracional por se tratar de um espaço escolar socialmente heterogêneo do ponto de vista das idades dos/as estudantes que a constituem” pode-se mencionar que as relações estabelecidas entre as gerações acontecem sob a forma de compartilhamentos, cooperação, mas também algumas vezes se dá com conflitos. Para Ferrigno (2003), a convivência intergeracional é importante na medida em que possibilita e flexibiliza os comportamentos, valores e relações, diminuindo o preconceito entre as idades enriquecendo as aprendizagens compartilhadas.

Sob esse aspecto, observou-se comportamentos de cooperação entre alunos mais jovens que auxiliavam os mais velhos em algumas atividades ou no manuseio de alguma tecnologia como o telefone celular, computador ou internet. Segundo Ferrigno (2006, p. 68), os alunos jovens ensinam para os mais velhos questões como “uma educação para os novos tempos”.

A presença da intergeracionalidade também se apresenta na relação professor/aluno, quando, principalmente os mais velhos, não tinham receio de comentar determinados assuntos com o professor. Eles se colocavam como amigos do docente, devido as suas idades aproximadas, possibilitando uma certa liberdade o que, segundo Sául (2013, p. 68), consiste na “relação ideal” que, no âmbito de EJA, deve ser “caracterizada pelo diálogo”.

Referências musicais mediadas pelas gerações

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que as relações que os alunos constroem com a música são perpassadas por referências vividas por eles na convivência geracional entre pais e filhos, netos e avós, irmãos e irmãos nos espaços sociais em que convivem. A construção do repertório musical é um dos principais aspectos que permeia a convivência das diferentes gerações.

A partir dos grupos focais, quando o repertório escolhido dizia respeito a gêneros musicais como rock, ou funk, ou a algumas bandas como *Rolling Stones*², foi possível perceber que os alunos destacavam o tempo das músicas e as gerações a que “essas músicas pertencem”, como sendo esses fatores importantes para a construção da ideia de geração e música: os *Rolling Stones*, por exemplo, foram considerados uma banda antiga. Pedro³, jovem de 19 anos, disse que aprendeu a gostar dessa banda porque seu pai ouvia e o ensinou a gostar também. Não se pode esquecer a menção de Oliveira e Morato (2015, p. 10) que a “aprendizagem musical de filhos nas relações com seus pais: [...] pode ser provida pelo projeto cultural e projeção dos pais, pela observação, pela afetividade ou pelo hábito familiar”.

O funk foi um dos gêneros musicais que algumas alunas mais velhas mencionaram que ouviram com os filhos, mas, ao contrário de Pedro, que aprendeu a gostar de um gênero musical com seu pai, a impressão que o funk deixou nessas alunas foi de repúdio devido ao que consideraram como palavrões e letras que “diminuem” a mulher. Mas quando o rap “Ela só quer paz” do Projota foi ouvido, uma aluna de 51 anos disse que aprendeu a gostar de ouvir essa música porque tem filhas adolescentes e aprendeu a gostar por causa delas. Bennett (2013) afirma que

é importante notar que nem todas as associações multigeracionais envolvendo o consumo e a compreensão da música popular incorpora conflito. Pelo contrário, a música popular também pode ser uma rica fonte

² O nascimento dos *Rolling Stones* aconteceu no Jazz Club da BBC, em 12 de julho de 1962, sendo hoje a banda mais antiga da história do rock. Sofrendo as influências do blues, do *rock'n'roll* e do *country*, os *Rolling Stones* desenvolveram um estilo baseado num som áspero, dominado pela guitarra elétrica, que pouco variou com o passar do tempo. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/rolling-stones.htm>. Acesso em: 26 jul. 2021.

³ Foi utilizado pseudônimos para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

de vínculo intergeracional, especialmente entre pais e filhos (BENNETT, 2013, p. 124)⁴.

Notou-se que as experiências intergeracionais vividas pelos alunos são carregadas para o ambiente escolar, e que uma mesma música, ou gênero musical, é consumida por grupos geracionais diversos, já que, como afirma Ribas (2006), “os símbolos de um grupo passam a ser apropriados pelo outro” (RIBAS, 2006, p. 160).

Entende-se que essas demarcações não são fáceis de serem delimitadas a partir das relações musicais experienciadas pelos alunos, mas nota-se que são marcadas pelo tempo, gêneros musicais e grupos musicais, ou seja, por inúmeros materiais simbólicos e culturais que uma geração carrega consigo como, por exemplo, as músicas ouvidas pelos avós, pais e netos que, de alguma forma, foram cruciais para que esses alunos estabelecessem determinadas percepções da/sobre a música.

A “idade da música”, gêneros musicais e relações intergeracionais

Lloret (1998, p. 22) afirma que “nos diferentes cenários da vida cotidiana, costuma-se atribuir a determinadas idades diversos papéis a representar”. A “idade da música” e as relações musicais associadas a determinadas gerações foram aspectos destacados pelos alunos durante os grupos focais.

Ideias contraditórias aparecem quando alunos jovens afirmam que, mesmo que seus pais, avós e tios escutem as músicas de hoje, eles não gostam das músicas que fazem sucesso na atualidade, considerando que há preferência deles por canções ouvidas quando eram mais jovens. Acreditam que isso ocorre porque os mais velhos vivenciaram momentos diferentes, que as pessoas se relacionam com um determinado tipo de música nas diferentes fases da vida e que existe uma “música velha”, uma “música nova”, associando a música a um determinado tempo. No entanto, para a maioria dos alunos o rock é um gênero musical que “qualquer um pode ouvir”, pois “música não tem idade”. Mas quando se ouviu a banda “*Rolling Stones*”, alguns jovens disseram que os jovens de hoje em dia não gostam muito dessa banda.

⁴ No original: It is important to note that not all multigenerational associations involving consumption and the understanding of popular music incorporates conflict. On the contrary, popular music can also be a rich source of intergenerational bonding, especially between parents and children (BENNETT, 2013, p. 124).

Além de alguns acreditarem nessa associação de fases da vida e tipos de música, os alunos também atribuíram determinados comportamentos a determinadas gerações. Quando foi mostrado em um grupo focal a figura de uma senhora idosa fazendo o gesto do rock⁵ com as mãos, alguns alunos jovens afirmaram que tal gesto não combinava com a imagem, pois a pessoa da figura é uma idosa e o rock não é visto por eles como algo tranquilo e os idosos são associados a músicas tranquilas. Mas, para algumas alunas adultas, a idosa é uma pessoa descolada que foge dos padrões sociais. Há divergência, portanto, nas opiniões dos alunos quando atribuem certos papéis sociais a determinadas idades, assim como determinadas músicas a gerações específicas que consideram descaracterizar o papel que a senhora, por exemplo, representa socialmente.

Apesar de não fazer sentido para alguns, as músicas que foram lançadas ou fizeram muito sucesso anos atrás foram vistas como músicas de velhos. Para eles a idade do artista e o grupo musical também podem determinar qual geração consumirá tal música, já que para alguns deles a música tem idade.

Os alunos, que não especificam que haja um estilo ou gênero musical atribuído a determinada geração, acreditam que o “modão”⁶, por exemplo, que era visto como algo antigo, não pode ser considerado como sendo voltado somente para os velhos. No entanto, o funk foi considerado como um gênero musical da juventude, pois acham que os mais velhos assustam com as letras de alguns funks. Além do funk, a música eletrônica também foi associada aos jovens, pois, segundo alguns alunos, é um estilo mais “pesado para os mais velhos”. Apesar de não haver músicas de uma determinada geração, Bennett (2013, p. 123) afirma que a “geração pode, por si só, produzir uma determinada percepção do significado e importância de um gênero musical específico”⁷. Constatou-se que, para o grupo de participantes desta pesquisa, o funk, o rap e a música eletrônica são gêneros musicais

⁵ É um gesto feito com as mãos em que os dedos, indicador e mínimo, ficam levantados e os demais dedos abaixados. *Ronnie James Dio* ficou conhecido por popularizar o sinal dos chifres no *heavy metal*. Que pode significar sinal do demônio, chifres do demônio, chifres do bode, chifres do metal, chifres pra cima e entre outros. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/curiosidades/081578-dio.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

⁶ O nome sertanejo foi alojado à vertente romântica deixando órfão de nome a autêntica música sertaneja, que ganhou também o nome de “modão” ou “música de raiz”. Uma mistura confusa de termos desde então vem tentando definir nichos e espaços de venda e público. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n90/0103-4014-ea-31-90-0267.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

⁷ No original: [...] of generation can, in itself, produce a particular perception of the meaning and significance of a specific music genre (BENNETT, 2013, p. 123).

consumidos mais pelos jovens de hoje em dia, e o “modão”, jazz e as marchinhas de carnaval são mais ouvidas pelos mais velhos.

Para Mannheim (s/d) “cada momento do tempo é, assim na realidade, mais do que um acontecimento pontual é um volume temporal com mais do que uma dimensão, porque é sempre experimentado por várias gerações em diferentes estados de desenvolvimento” (p. 125). Nota-se que as mudanças que as gerações sofrem ao longo do tempo foram citadas pelos alunos e tais afirmações foram feitas a partir da forma como estes vivem e percebem as distintas gerações com as quais convivem e/ou conviveram.

Correa (2018) menciona que os conceitos ligados a um determinado gênero musical “são extremamente particulares e estreitamente vinculados ao pensamento musical de uma época” (p. 5). Nesse sentido, a associação do gênero musical com uma determinada geração é feita pelos alunos devido a alguns aspectos como a época em que os artistas, os gêneros e/ou canções foram lançados ou fizeram sucesso. Portanto, para os alunos, uma época pode determinar qual gênero musical é marcante para as gerações que viveram aquele determinado momento.

Alguns alunos tentaram “datar” as músicas, ou seja, determinar se uma música é velha ou não a partir de seu lançamento como, por exemplo, um aluno jovem disse que as músicas de 2010 para trás, ou 2005, são velhas. No entanto, alunos adultos afirmaram que a música em si não envelhece e sim o intérprete, ou seja, quem canta é que passa pelo processo de envelhecimento, pois uma música pode ultrapassar o tempo e as gerações, como é o caso de “Evidências⁸”, canção da dupla Chitãozinho e Xororó, e “Garçom⁹” de Reginaldo Rossi. Bennett (2013, p. 123) deixa claro que “os significados atribuídos à música são, até certo ponto, fundamentados em questões de tempo e lugar. Isso, por sua vez, pode produzir conflitos entre diferentes gerações de fãs¹⁰”.

Segundo Souza (2004), “hoje, os alunos representam uma geração que nasce, vive em meio a processos de transformação da sociedade contemporânea e suas repercussões no

⁸ Composta em 1990 por **José Augusto e Paulo Sérgio Valle**, “Evidências” chegou a ser tachada como uma música ruim antes de ser acolhida e eternizada por **Chitãozinho & Xororó**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Musica/Festeja-Brasil/noticia/chitaozinho-e-xororo-contam-a-historia-do-classico-evidencias.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2021.

⁹ Em 1987 Reginaldo Rossi lança o seu maior sucesso, “Garçom”, composição própria, que faz sucesso no Sul e Sudeste do país. Torna-se famoso em outras regiões além do Nordeste e recebe dos fãs o título de “Rei do Brega”. Disponível em: <http://g1.globo.com/peernambuco/musica/reginaldo-rossi/platb/>. Acesso em: 26 jul. 2021

¹⁰ No original: the meanings attributed to music are, to some extent, grounded in questions of time and place. This, in turn, can produce conflicts between different generations of fans (BENNETT, 2013, p. 123).

espaço social que habita, os quais presencia e dos quais participa” (p. 10). Na perspectiva dos alunos as transformações que ocorrem na sociedade podem interferir no que uma geração consome musicalmente ou não. Portanto, a ideia de que a juventude de hoje é diferente da juventude do passado divide opiniões, mesmo as músicas tendo relações com o tempo de produção é importante entender como as gerações fazem as músicas perdurarem no tempo.

4 Considerações finais

Neste artigo buscou-se compreender como o aspecto geracional, mais especificamente o da intergeracionalidade, é perpassado pela música e está presente nas vivências musicais dos alunos da EJA carregam para o ambiente escolar.

Notou-se que inúmeras experiências musicais permeadas por sentimentos de prazer ou repulsa por um determinado gênero musical ou um artista específico foram vivenciadas pelos alunos a partir do que ouviam com os avós, pais, tios ou filhos.

Apesar de não ser um pensamento unânime entre os alunos, apareceram afirmações de que uma determinada música era “de velho” e que os mais velhos têm a preferência por músicas da “sua época”. Ou seja, é como se houvesse um tempo da música, e o consumo associado ao sucesso de determinadas canções poderia permitir determinados sentidos.

A ideia de que uma determinada geração também tem sua preferência por um determinado gênero musical também foi apontada pelos alunos. Nesse sentido, acreditam que uma determinada época pode definir qual o gênero musical foi marcante para as gerações que vivenciaram aquele momento. Apesar de buscarem “datar” as músicas e sua relação com as várias gerações, percebeu-se que as experiências musicais vividas nos vários espaços sociais nos quais os alunos da EJA convivem, especialmente a família, exercem um papel importante na determinação se uma música é velha ou não. Mesmo sendo claro que a música não envelhece, que quem envelhece são os intérpretes, os ouvintes, a percepção do significado de muitas canções pode ser produzida por uma geração, mas que também pode ultrapassar gerações e o tempo.

Referências

BENNETT, Andy. *Music, style, and aging: growing old disgracefully?* Philadelphia: Temple University, 2013. 211 p.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim do Século, 2003 [1980]. p. 151-162.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996. Brasília: Palácio do Planalto, Governo da Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010*. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642-rceb003-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 jul. 2021.

CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa: a contribuição da teoria da argumentação*. Tradução de: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis: Vozes, 2017. 371 p.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CORREA, Marcio Guedes. *Gêneros musicais e suas múltiplas funções e significados no repertório e nas diversas áreas de conhecimento*. 2018. 146 f. Tese (Doutorado em Música) – Curso de Pós-Graduação em Música, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154837> >. Acesso em: 17 jul. 2019.

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 236.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Cadernos Cedes*, UNICAMP, v. 21, n. 55, p. 58-77, nov. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300005>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FERRIGNO, José Carlos. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis/Vozes: São Paulo/SESC, 2003.

FERRIGNO, José Carlos. A co-educação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 67-69, set. 2006. Disponível em:

http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/19_Anais_p67.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.

FREITAS, Maria da Glória Feitosa. “Educação de Jovens e Adultos” - contextualizando social, histórica e politicamente a Educação de Jovens e Adultos: princípios gerais e perfil do aluno, subjetividades e identidades. Unidade 1 - Apostila de sala de aula. Pedagogia. Universidade Anhembi Morumbi. Maio. 2021. Meio digital.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pèrez de (Org.). *Imagens do outro*. Tradução de: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 2. p. 13-23.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. *Sociologia do conhecimento*. Tradução de: Maria da Graça Barbedo. Porto: RES-Editora, s.d. p. 115-176.

OLIVEIRA, João Paulo de Rezende; MORATO, Cintia Thais. De pais pra filhos: ensino e aprendizagem musical na relação entre pais e filhos. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais [...] Natal: Abem, 2015. p. 1-11*. Disponível em: <http://abemeduacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1220>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PEREIRA FILHO, Anísio José. A Questão da Geração em Turmas de EJA: uma análise a partir da história. *Revista Humanidades e Inovação*, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 261-270, fev. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/27>. Acesso em: 21 jul. 2021

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. *Música na educação de jovens e adultos: um estudo sobre práticas musicais entre gerações*. 2006. 199 f. Tese (Doutorado em Música) - Curso de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

UNESCO. *4º Relatório Global de Aprendizagem e Educação de Adultos*. Hamburgo, 2020. 198 p.

SÁUL, Tiago Scalvenzi. *O ensino de música na EJA: saberes docentes de professores dos CEEBJAS de Curitiba-PR*. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Curso de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30281/R%20-%20D%20-%20TIAGO%20SCALVENZI%20SAUL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004. Disponível em: <<http://abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/356>> Acesso em: 21 jul. 2021.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: perspectiva da sociologia da educação musical. In: SOUZA, Jusamara et. Al. (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014a. 168 p.